

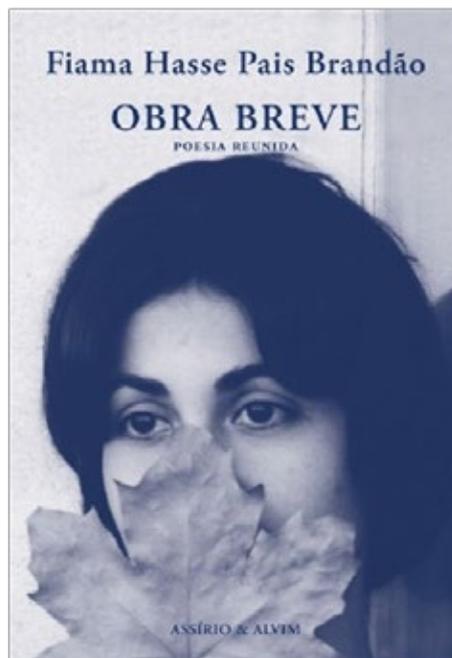


BREVE NOTA SOBRE OBRA BREVE

*Rosa Maria Martelo*¹

Resenha do livro:

Brandão, Fiama Hasse Pais. Obra breve. 2^a ed. Prefácio de Eduardo Lourenço. Lisboa: Assírio & Alvim, 2017.



Tenho defendido que a poesia de Fiama Hasse Pais Brandão é absolutamente comovente sem para tanto precisar de tornar-se sentimental. Talvez deva acrescentar que também é uma

¹ Professora Associada com Agregação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, investigadora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. E-mail: rosamartelo@sapo.pt.

Recebido em: 15/06/2018

Aceito em: 26/06/2018



A revista *Diadorim* utiliza uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) (CC-BY-NC).

poesia emocionada, conquanto de um modo que nunca exclui o pensamento, isto é, sem nunca deixar de ser reflexiva. Sempre vi a poesia de Fiama como uma aventura espiritual, difícil de comunicar para uma autora que todavia nunca desistiu de a partilhar; e também difícil de descrever para quem a lê, dado exercer-se propriamente no mesclar das noções a que poderíamos recorrer para falar dela. É rigorosamente uma aventura, um texto a lançar-se no futuro, *aventura*, um texto lançado no que há-de vir. Desde o primeiro poema, Fiama experimenta, põe o discurso à prova, procura um conhecimento que sabe só poder resultar da escrita. E aguarda. O rosto parcialmente velado por uma folha de plátano que vemos na capa da segunda edição de *Obra breve* (2017), no qual sobressaem os olhos escuros de Fiama, é bem a imagem desta poesia. Tal como acontece na fotografia assim reproduzida, também a obra de Fiama junta um plano de grande visibilidade a outro que permanece velado, quase impronunciável. É uma aventura que pela sua radicalidade heurística poderia ser descrita como essencialmente espiritual – mas aqui o espiritual não se distancia da matéria, ou, melhor ainda, exerce-se na inquirição da matéria, na sua travessia; tem a depurada exigência da ascese, mas não se limita ao eixo de verticalidade que este termo apontaria, exerce-se também na horizontalidade da visão. É um exercício radical de inteligência e conhecimento desnudado, um discurso que faz pensar numa luta corpo a corpo na qual as armas são a persistência, a subtileza e a emoção. E o corpo em causa seria aqui o da linguagem (embora não só): formas despidas, sentidos depuradíssimos.

Obra breve, o extenso livro que reúne toda a poesia de Fiama, é uma das obras maiores da literatura de língua portuguesa. Creio que as razões dessa grandeza não facilitam o caminho ao leitor. “Ninguém entra na hermética paisagem de Fiama como em casa”, avisa Eduardo Lourenço no prefácio (2017: 7). E assim é. Torna-se necessário aprender as referências de um mundo muito particular e em permanente transformação, um mundo que a poeta refaz, de livro para livro, em resultado do que vai descobrindo: *aventura*, como disse acima. No idioma de Fiama, a imagem comparece de múltiplas formas, em muitas acepções, e sempre a linguagem vacila no ponto em que se mede com ela: aí encontra simultaneamente o seu ponto mais alto e o limite em que se defronta com a insuficiência. O leitor de Fiama tem que estar preparado para lutar com as palavras, para conquistar, poema a poema, um saber, uma descoberta.

*

Quando publicou *Área branca*, em 1978, Fiama foi entrevistada por Álvaro Manuel Machado, para o programa *A Ideia e a Imagem*, da Rádio Televisão Portuguesa. Essa entrevista, hoje disponível no site da RTP,² impressiona pelo modo como a poeta fala da sua escrita enquanto experiência vivenciada no limiar da incomunicabilidade. *Área branca* é, sem sombra de dúvida, um livro notável, independentemente de épocas, línguas e lugares; e, como não podia deixar de ser, ocupa uma posição axial na obra da autora. É um livro hermético, difícil. A entrevista mostra até que ponto Fiama tinha consciência da radicalidade a que a sua escrita chegara

2 Cf. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/fiama-hasse-pais-brandao/>.

em finais dos anos 70, bem como das dificuldades que colocava aos leitores. Respondendo às perguntas do entrevistador, aponta três razões para o título *Área branca*, “uma mais superficial”, diz, e “duas menos superficiais, em grau crescente de profundidade”:

A primeira razão é obviamente a brancura do papel, essa é uma razão fácil. Depois, temos que ir inserir o título no verso de onde ele foi extraído e encontramos “a área branca da noite”. É uma explicação de segundo grau e indica uma mitografia pessoal, a área branca da noite é a área de uma visão pessoal, a visão de uma área branca na noite. Em terceiro grau, a explicação é mais difícil, sobretudo porque quero tentar uma linguagem fácil. Essa possível área branca (...), essa área branca é a área para que tende toda a poesia. E eu posso explicar de outra maneira: é um discurso que tenderá a ser um discurso em branco.³

Teríamos, então, a relação (que poderíamos dizer mallarmeana) da poesia com o branco da página, com a escrita e com o nada; teríamos depois a relação da escrita com uma visão pessoal (espécie de zona de revelação, iluminada, branca, no escuro da noite); e por fim, o reconhecimento da existência de um discurso que opera independentemente da comunicabilidade, um discurso em falha deste ponto de vista. Fiama irá apontar a esse nível afinidades com o esquematismo do desenho. Ao longo da entrevista, é visível o esforço da poeta para não cair no hermetismo perante o público alargado da televisão, sem todavia evitar afirmações como esta: “Eu poderei dizer que a poesia não tenderá necessariamente à comunicabilidade, pelo menos aparentemente. Por isso se pode falar em poema em branco”.

Fiama faz questão de explicar que essa incomunicabilidade, que pode ser escrita, não deve ser dita num meio de comunicação de massas como a televisão, pois isso corresponderia a tirar a poesia às consciências já de si inquietas daqueles que podem estar a ver o programa: “falar em ressalvar a poesia num sector especializado é quase ofender o público porque as consciências já estão suficientemente inquietas. Não podemos tirar-lhes sequer a poesia”.

*

As respostas dadas por Fiama a Álvaro Manuel Machado mostram que a poeta tinha consciência de ter chegado, com *Área branca*, a um limite a partir do qual a sua busca deveria fazer-se também noutros sentidos. Tratara-se talvez – com Fiama há que não esquecer que estamos sempre no domínio das hipóteses, de um pensamento que especula a par da visão, que prefere não interrogar –, tratara-se talvez, dizia, de “regredir para o âmagô” (2017: 160), palavra muito cara a Fiama, sempre revista em função de novos dados permitindo pensar de maneira mais profunda. *Âmagô I – Nova arte*, chamou Fiama a um livro seu (1985). E a palavra manter-se-ia em destaque nos títulos ou subtítulos da década de 80. Significativamente, Gastão Cruz escolheu-a para título da antologia que organizaria em 2010.

O final dos anos 70 marca um extremo de liberdade visionária na poesia de Fiama; depois

3 Cf. Nota anterior. Transcrição minha.

disso a poeta irá reaproximar-se da visão por um caminho complementar. A nota que inclui no final de *Obra breve*, retirada do Prefácio de Cântico maior sintetiza o que procura:

O que me emociona: o texto que cabe na pupila: o simultâneo, a grande cena das metáforas e das comparações, a Visão multiforme do Conhecimento (pus no coração a Sabedoria de Ezra), que é parcelar nas palavras e nas imagens e que só por acumulação diurna e através da absorção pupilar (como a do ar) tende para o Todo. (2017: 741)

Fiama insiste em vários momentos na importância da leitura para quem escreve, e para a sua escrita em particular. Do ponto de vista dos títulos, talvez *Homenagem à literatura* (1976) seja aquele que sublinha de maneira mais imediata o quanto a poeta valoriza a tradição, a história das formas, as vozes que retomam o dizer da literatura ao longo dos séculos. Mas essa herança está sempre presente. De livro para livro, dialoga com os mortos, como lembrou mais tarde Manuel Gusmão, que cita Fiama num poema de *A terceira mão*: “eu amo os livros que vêm dos livros / e estou no meu jardim c’os mortos/ de quem vim” (GUSMÃO 2008: 18).

Para Fiama Hasse Pais Brandão, cada coisa traz consigo as associações que lhe dizem respeito, o que corresponde à história de cada uma, na escrita. São Visões que acompanham a Visão e às quais também parece legítimo chamarmos textos, ou melhor, intertextos, literatura, em sentido muito lato. Assim, a poeta coloca-se numa posição oscilante, entre a Visão silenciosa e em exterioridade – chamemos-lhe clássica – e a Visão romântica, que procura na emoção subjectiva e interiorizada, no próprio discurso, a revelação do sentido. Essa oscilação, que também poderíamos situar entre a Visão e as Visões, faz da poesia de Fiama uma escrita marcada por uma espécie de zoom ontológico, passe a expressão, um exercício de trazer para perto o Espírito, ou o Tempo, enquanto também nos deixa ao rés da matéria simples: “(...) louvo a espiritualidade da matéria/ através da qual os gestos vulgares/ que eu repito me tornaram pensativa”, escreve num poema de *Três rostos (Ámago II – Nova natureza)* (2017: 490).

Em *Área branca*, Fiama falou da sua escrita como “biografia sincera” (323). Uma biografia do pensamento, o seu, com todas as conquistas, fracassos, descobertas que a condição pensativa lhe trouxera: a condição que Fiama treinou, desenvolveu, apurou, ano após ano, sopesando ideias e uma herança de imagens com as quais formou a Visão que depois treinou para o despojamento, tudo muito lentamente urdido, com uma gravidade paciente e determinada.

No tempo acelerado e fragmentado em que vivemos, um livro como *Obra breve* é sem dúvida nenhuma um corpo estranho, parece vir de outro mundo – porque nos oferece uma biografia contemplativa, uma vida contemplativa. Mas, por isso mesmo, talvez nunca tenha feito tanto sentido lê-lo quanto agora.

Referências

Brandão, Fiama Hasse Pais. *Obra breve*. 2^a ed. Prefácio de Eduardo Lourenço. Lisboa: Assírio & Alvim, 2017.

GUSMÃO, Manuel. *A terceira mão*. Lisboa: Caminho, 2008.